

A estreia nacional da cantora foi um dos momentos altos da edição deste ano.

AngraJazz'25 — dia 2: um triunfo chamado Ekep Nkwelle



Texto: [Rui Miguel Abreu](#)

Fotografia: Rui Caria

Publicado a: 05/10/2025

Em *Jazz Is*, o autor americano Nat Hentoff cita o pianista John Lewis, lendário membro de *ensembles* comandados por Lester Young ou Dizzy Gillespie, e a quem perguntaram se era possível notar musicalmente o *swing* numa pauta: “Não. O *swing* é musicalidade elevada”, afiançou o pianista numa aula de estudos avançados de improvisação jazz na prestigiada universidade de Harvard. “É como o Serkin a tocar uma sonata de Beethoven. Ele conhece todas as notas, mas ele também sabe o que mais está lá”. O sábio John Lewis referia-se à matéria invisível de que os grandes compositores se socorrem nas suas obras, as nuances que não são possíveis de inscrever numa pauta, mas que quem muito estuda — mergulhando analiticamente na obra desses génios, analisando as suas biografias, compreendendo o espírito da época em que viveram e criaram — consegue alcançar. Essas pessoas sabem bem o que mais está lá. E anteontem, a coroar a segunda jornada do [AngraJazz'25](#), num lotadíssimo Centro Cultural e de Congressos, em Angra do Heroísmo,

a cantora **Ekep Nkwelle**, do alto da sua vibrante juventude, deixou muito claro que realmente sabe muito bem o que mais está lá, que reconhece essa invisível filigrana que envolve marcos importantes criados ou refinados por alguns dos maiores nomes da história do jazz, de Duke Ellington a Art Blakey, de Sarah Vaughan a Abbey Lincoln. O facto de ser a sua primeira apresentação no nosso país tornou a ocasião ainda mais especial.

Filha de pais camaroneses e nascida em Washington, D.C., Ekep Nkwelle cresceu entre duas heranças culturais que cedo moldaram a sua identidade artística. O pai, baterista, abriu-lhe as portas do jazz e, desde tenra idade, habituou-a a ouvir diferentes linguagens musicais.

Formou-se na prestigiada Duke Ellington School of the Arts, onde iniciou o percurso no canto clássico, mas foi ao descobrir Sarah Vaughan que decidiu trocar a ópera pelo jazz. Seguiram-se os estudos na Howard University, onde, além da prática vocal, mergulhou na história e na particularidade cultural do género, e, mais tarde, ingressou num mestrado na Juilliard School, onde angariou uma sólida bagagem técnica e conceptual.

Apsar de contar apenas 26 anos, Nkwelle já pisou alguns dos palcos mais emblemáticos do mundo, do Radio City Music Hall — em colaboração com o pianista clássico Lang Lang — ao Kennedy Center, Lincoln Center e Library of Congress, passando por festivais de referência como Newport, Montclair, Hudson e o DC Jazz Festival. Em 2022, conquistou nova visibilidade ao interpretar *Timeless Portraits and Dreams*, de Geri Allen, **num dos mais celebrados Tiny Desk Concerts da NPR**. O reconhecimento institucional não tardou: em 2023 recebeu o Juilliard Career Advancement Grant, distinção entregue a artistas que se destacam tanto pelo talento como pelo carácter — uma nomeação feita pelo próprio Wynton Marsalis. Pelo caminho, integrou ainda o Woodshed Network, residência artística criada por Dee Dee Bridgewater para promover o papel das mulheres no jazz. É, pois, natural que Ekep Nkwelle saiba bem o que “mais está lá”.

O dia começou mais cedo, na livraria Lar Doce Livro, que se encheu de gente para escutar o quarteto de **João Ribeiro**, o baterista-cantor que se fez ladear por Micaela Matos no saxofone, Paulo Cunha no contrabaixo e Antonella Barletta no piano. Como já tinha demonstrado com a Orquestra AngraJazz, Ribeiro é um dedicado estudante do *Great American Songbook* e, no mais informal ambiente da livraria, foi entregando os seus firmes e inventivos pulsos e a sua distinta voz a clássicos como “Foggy Day”, “A Night in Tunisia”, “Misty”, “I Thought About You”, “Almost Like Being in Love”, “Soft As In a Morning Sunrise” ou “My Funny Valentine”, tesouros universais de fôlego eterno a que o quarteto se entregou com leveza, com João a comandar o quarteto com mãos seguras e ágeis, decidindo estruturas e solos no momento, forma clara de exercitar o seu músculo jazz.

A Ribeiro bastou-lhe uma tarola e um par de escovas, mais um microfone, um aparato minimal de que, no entanto, extraiu *swing* refinado, com os seus *breaks* e ataques a apresentarem-se com elevado grau de fluidez e criatividade rítmica. A sua voz, por outro lado, é redonda, bem colocada, doce e muito musical, sendo apropriada ao repertório que canta com dicção clara e sotaque mais do que credível. Tudo aponta para que João Ribeiro

também esteja no bom caminho para poder saber “o que mais está lá”. Os seus companheiros cumpriram a missão, solaram com alguma segurança, sobretudo a pianista Antonella Barletta, socorrendo-se de toda a experiência que têm acumulado como membro da Orquestra AngraJazz.

Depois de jantar foi então tempo de rumar ao Centro Cultural e de Congressos de Angra para mais uma dupla actuação. A abrir a noite apresentou-se o **Samuel Lercher**

Trio, *ensemble* dirigido pelo pianista franco-luso em que militam ainda o contrabaixista André Rosinha e o baterista Bruno Pedroso. O trio de piano é um dos grandes pilares do jazz, uma proposta distinta que foi elevada a píncaros criativos por gigantes tão singulares quanto Thelonious Monk, Bill Evans ou Keith Jarrett, para mencionar apenas alguns dos mais recorrentes exemplos dessa particular forma de arte. Para encontrar o seu próprio lugar nessa tão vasta e rica tradição, Samuel Lercher adiciona, além do certamente dedicado estudo de todos esses marcos mencionados, um percurso académico nos domínios da música clássica que lhe permitem convocar para o seu pianismo um rigor afinado com o mergulho na obra de mestres como Chopin ou Debussy.

Com Rosinha e Pedroso, Samuel Lercher tem já um assinalável percurso, tendo ao longo da última década lançado três registos com esta formação, incluindo o recente ***Fractal*** que serviu de ponto de partida e de chegada para uma actuação em que também se antecipou um futuro álbum — que deverá levar o título de *Life Is An Epic Journey*, como o próprio pianista revelou — e que até acomodou uma original leitura do *standard* “All The Things You are” — “não resisti”, justificou. No material inédito, houve espaço para uma peça que parte de “The Little Shepherd”, excerto da suite *The Children’s Corner* de Claude Debussy, com que Samuel Lercher mostrou de forma clara a sua íntima relação com o cânone erudito.

O mais importante, no entanto, é o som do trio, que resulta de um conhecimento mútuo profundo, com Pedroso a ser a mais discreta das presenças, mas ainda assim uma base estruturante para o colectivo, e Rosinha a ser um solista seguro, com um tom muito claro no seu instrumento, tanto nos dedilhados como nas passagens com arco.

Em material de *Fractal*, como “Simon’s Groove” e “P’ti Voyou”, peças dedicadas aos filhos do pianista, há uma atenção particular a diferentes dinâmicas rítmicas, com sobreposição de tempos e andamentos de múltiplas velocidades, arriscando mesmo na primeira das peças uma síncope quase hip hop, o que resulta numa música de alta densidade técnica que lembra um pouco os caminhos trilhados por Tigran Hamasyan. Aliás, a sua belíssima versão de “Or’anda Desanda”, um tema popular da zona de Vinhais, como nos disse, espelha as tangentes que o já mencionado pianista arménio faz ao folclore do seu próprio país. Samuel Lercher mostrou-se comunicativo, visivelmente feliz por estar a apresentar a sua música e muito solto na sua performance, tendo mais do que justificado os generosos aplausos com que foi premiado.





Mas a estreia em solo nacional da prodigiosa Ekep Nkwelle foi, de facto, o ponto alto da noite. Com uma surpreendente Sequoia “REDWOOD” Snyder no piano (tal como a líder, de Washington; e com apenas 25 anos), uma igualmente sólida Liany Mateo no contrabaixo — uma nativa de Nova Jérсия que acaba de ser apontada como um dos 25 nomes para o futuro pela DownBeat — e um poderoso Anwar Marshall na bateria, um dos pilares da dinâmica cena presente de Filadélfia, este quarteto mostrou-se com uma desenvoltura e profissionalismo a toda a prova.

Nkwelle claramente nasceu para estar em palco: é uma comunicadora impressionante, contadora de histórias envolventes — a dada altura deu-nos um relato da sua família e da complexa relação que os pais estabeleceram com a prática cristã já em solo americano, doseando seriedade e humor com precisão de oradora experimentada —, com uma imponente presença de palco e uma prodigiosa capacidade performática. Dona de uma voz impressionante, capaz de graves profundos e de agudos de recorte perfeito, com uma dicção clara como a mais pura das águas, Nkwelle possui um instrumento de afinação exacta, moldado e educado no estudo de grandes mestres, mas aplicado na performance com inventiva ousadia. A herança cultural africana, por um lado, e a prática religiosa na igreja pentecostal com que os pais resolveram a distância entre o catolicismo e o protestantismo, por outro, em combinação com os seus avançados estudos de jazz fazem dela uma cantora de recursos invulgares, capacidade que pôs à prova na interpretação de peças do grande

cancioneiro americano como “Never Will I Marry”, que Frank Loesser escreveu para o musical *Greenwillow*, de 1960, “Where Do I Belong”, que Sarah Vaughan gravou, ou “I Know Why The Caged Bird Sings”, interpretada por Abbey Lincoln e que Nkwelle entrelaçou com o hino gospel “His Eye is on the Sparrow” de forma absolutamente arrebatadora. O quarteto passou ainda por “Good Morning Heartache”, a que a eterna Billie Holiday tão bem se entregou, e por “Amazon Farewell (Curumim)” do brasileiro Djavan, ofereceu uma vibrante leitura de “Moanin’” de Art Blakey e outra apaixonada passagem por “Come Sunday” de Duke Ellington, numa viagem panorâmica pela grande música americana efectuada com total autoridade e elegância.

Com arranjos de subtil arrojo modernista ao seu dispor, este quarteto conquistou de forma quase imediata o público que também percebeu muito bem o que estava ali, diante de si: muito mais do que as biografias explicam, certamente, porque Ekep Nkwelle é uma cantora com algo muito especial que o futuro tratará inevitavelmente de reconhecer.



